ANNO XXXIV — TERÇA-FEIRA 5 DE JUNHO DE 1917 — N. 3:137

O COMMERCIO DE GUIMARÃES

BI-SEMANARIO MONARCHICO

Director

ANTONIO JOAQUIM D'AZEVEDO MACHADO

EDITOR—EDUARDO DE A. MACHADO
PROPRIETARIA—NARCISA DE J. F. MACHADO
PUBLICAÇÃO—AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA DE D. JOÃO I—59 E 61

DIREITO DE PROPRIEDADE?...

Em tempos que longe vão, nós tinhamos umas auctoridades superiores que olhavam um pouco pelos interesses de todos, defendendo-nos das arremettidas dos filhos do mal. Tinhamos uma policia que descobria gatunos, mesmo nos grandes centros. Tinhamos um exercito que nos protegia d'esses desordeiros que tantos ha hoje em terra que julgamos ainda ser nossa. O direito de propriedade, defendido pela natureza que nol-o reconhece, encontrou sempre da parte do poder publico, um defensor, um protector. Nunca os nossos haveres estiveram á mercê d'um rebate de sinos, que longe de serem signal de fome, são antes uma prova cabal da anarchia que se apoderou dos espiritos nesta terra de infelizes. Gastavamos dinheiro, pagavamos contribuições,—mas os bens por que as pagavamos eram nossos e ai d'aquelles que nos não reconhecessem seus proprietarios.

O lavrador, trabalhava de sol a sol, regava os cabos das suas enchadas com o suor de seu rosto, as raparigas das aldeias cantavam em tardes quentes de estio pelo meio dos milharais, mas a alegria era com elles, porque sabiam bem, que se trabalhavam e outros descançavam, o Estado havia de remunera-lo, quando dissesse ao ocioso ter de pagar o que o outro produzia. Mas hoje não.

Ninguem pode dizer ser possuidor seja do que for, a não ser para pagar impostos. Ninguem ha que possa dizer com verdade ser proprietario do que tem.

Um detentor, emquanto os outros não chegam, sim. Proprietario não.

Sabemos que para nesta situação nos encontrarmos, em parte o devemos ás circumstancias de momento. A crise que nos assoberba, pesa egualmente sobre todos nesta hora de luto e de dôr.

A fome se ainda não chegou não deve andar por longe. E se o ruido da metralha abafa ainda os sons cavos do hymno da miseria, no horisonte da vida politica europeia, uma interrogação se divisa cujo sentido ninguem pode desvendar.

Mas o que podia ter-se feito era prevenir.

Era procurar desviar para longe esse flagéllo. Não se fez. Cuidou-se muito de politica pouco dos interesses nacionaes.

E quando em 20 de maio, os commerciantes da capital se viram ameaçados e reclamavam a força publica, o governo dizia-lhes não ter nada com isso. A fome não tem lei.

E o pobre do commerciante, que paga contribuições, que paga impostos, que se julga filho d'um paiz com auctoridades, com certeza perguntou á sua consciencia qual o motivo porque temos policia, qual a razão porque temos exercito. O povo desvairado, não sabe em geral o que faz. Disseram-lhe que o culpado era o commerciante e acreditou. E se amanhã o politico lhe metter na mão uma bomba e uma espingarda, com certeza dá a vida por um ideal que julga bom e exalça com vivas o carrasco que desconhece. O povo não devia ter começado por onde foi. Deveria antes de pedir contas ao açambarcador, ter encaminhado os seus passos para as secretarias de estado e ter perguntado se ha ainda um ministerio de trabalho. Devia ter interrogado esse senhor, sobre os motivos que levam o governo a deixar estragar nas colonias o que a nós faz falta. Se julga o paiz tam rico, que ainda deixe ir para os outros o pouco que produzimos.

E quando estes, quando o povo tivesse feito justiça, o lavrador, diria ainda, parafraseando o que ha mezes disse um jornal do Porto.

Terra de bebados, já chega de vinho.

Dae-nos navios que os outros tambem querem beber. «Porque se estamos em guerra é por causa dos navios, e estes fugiram-nos e aquella maldita ficou comnosco».

Viva a "fróternidade,,!

Ha muitas pessoas, entre as quaes se contam velhos republicanos, que não teem já hoje no snr. dr. Affonso Costa, chefe de facto do partido «democratico», aquella cega e illimitada confiança que n'elle depositaram outr'ora. Para alguns descerentes das qualidades do antigo tribuno popular, o snr. dr. Affonso Costa constitue uma enorme decepção.»

—Aonde julgou o leitor que lêmos isto?

No «Diario Nacional», no «Dia», no «Liberal», em qualquer outro jornal *reaccionario?*

Qual!

Aquillo vem escripto no «Portugal», que é, como todos sabem, *diario «do Partido Republicano Portuguez»*!

Pobre Commendador!

—

Referindo-se aos varios da censura, escreve o correspondente politico do *Noticias*:

«A censura afiou o gladio com que apára o lapis azul, que por sinal é tinta vermelha, e deita-nos abaixo a prosa com uma crueldade de fêra. Paciencia. A censura ha-de passar e os jornaes e os jornalistas ficam, com certeza.»

—Exacto. E *ajustaremos contas*, então.

Ha coisas que se não podem perdoar.

Esta, de qualquer bisbórria nos assaltar e anavalhar a propriedade... jornalistica, só porque isso lhe dá na republicanissima gana, é uma d'ellas.

Tempo ao tempo....

Os novos-ricos

São aos cardumes! Mais um que nos indica o correspondente politico do *Noticias* e que mal tendo na *ominosa* e *corrupta* Monarchia um ceitil para mandar cantar um cego, possue, hoje, dinheiro a rôdos:

«Ha dias apresentou-se no «guichet» d'um dos mais importantes estabelecimento bancarios alfacinhas, alguem que gosa da maior popularidade no Terreiro do Paço e que em tempos que não vão longe, **mal tinha para mandar cantar um cego.** Esse alguem logo que o atenderam, começou despejando dos bolsos massos de notas porque dizia o neo-rico, em voz alta para que todos o ouvissem, **«não sabia o que havia de fazer a tanto dinheiro.»**

—Ninguem negará que este *patriota* encontrou a republica.... dos seus sonhos!

....E depois?

«Acabam de ser contractados 2:000 trabalhadores portuguezes para Inglaterra.»

(Dos jornaes)

—Milhares d'homens teem seguido, como operarios, para França.

Milhares d'elles se encontram, no *front*, a combater.

Milhares d'elles se acham, na Africa, em campanha

Milhares d'elles se encontrarão, por terras d'Hespanha, fugidos ao serviço militar.

Milhares d'elles partirão, ainda, para o *front*, e, provavelmente, para as colonias.

.... E ainda agora o governo deixa que os inglezes nos lévem 2:000 trabalhadores portuguezes!

Ha já muitas freguezias aonde a falta de braços se faz sentir para a lavoura.

O que será d'aqui a pouco?

E os salarios? Quanto *exigirão* os poucos, os invalidos braços que ficarem?

Uma carta

Com o visto da censura do Porto publica a *Ordem*, d'aquella cidade, o seguinte, que recortamos da correspondencia de Guimarães:

«—Li, por acaso, no domingo passado, uma carta dum oficial expedicionario d'infantaria 20 dirigida a um outro oficial, escrita de bordo, em que lhe descrevia a situação em que se encontravam ele e os oficiaes seus camaradas. E' espantoso! Diz a carta que oficiaes, sargentos e praças estão a bordo dum transporte de gado, no porão, tendo oito gamelas, sobre as quais comem. Estas gamelas são cobertas com toalhas nauseabundas. E'-lhes proibido passear aonde passeam oficiaes ingleses, que vão a bordo, e os olham com desdem; não lhe dão confiança. Oficiais, sargentos e soldados estão todos juntos. Não ha distinção. Apenas o major e medico vão um pouco melhor instalados. Mas que quer o sr. oficial? Não é isso que suas ex.as merecem? Agora é aguentar...»

——Não commentamos...por causa das *janellas*!

APOIADO!

Diz o nosso presado collega, *Echos de Chaves*:

«.... O que nós não admittiremos por forma alguma sem o nosso mais veheminente protesto, são os transfugas que dizendo-se monarchicos, continuam encostados aos partidos da republica, **fazendo tudo, absolutamente tudo quanto os chefes d'esses partidos lhe determinam.»**

—O «Commercio de Guimarães» tem sustentado, sempre, essa mesma doutrina.

E sustentará.

Não comprehendemos que se digam monarchicos aquelles que se acham filiados no *aeroevolucionismo*, no *unionismo* ou no *democratismo*,—ou em qualquer outro grupo ou grupelho da republica.

Transfugas, adhesivos ou desertores,—é que são essos que fugiram do nosso campo,—do campo monarchico—, e se integraram nas hostes dos inimigos da Patria.

Monarchicos, não, nunca!

Ainda a revolta de Lisboa

São muito interessantes estas affirmações do republicano «Capital»:

«Mastiga-se que não é o momento de investigar essas imprevidencias. E' um argumento ao mesmo tempo pueril e ridiculo. Que se trate primeiro de restabelecer a ordem, comprehende-se. E' o primeiro dever dos governos. Mas o segundo dever, e decerto o não menos importante d'esses deveres, é investigar as causas dos successos que se tornou necessario reprimir, **derramando sangue portuguez, e até sangue bem genuinamente republicano, como o d'esse antigo marinheiro do «S. Rafael» que foi dos primeiros a içar a bandeira republicana na madrugada de 4 de outubro de 1910, e que agora foi fuzilado, como por amarga ironia, por balas da guarda republicana.»**

EGUALDADE... DESEGUAL!

Informam os periodicos a proposito dos ultimos acontecimentos occorridos na capital :

«Os presos que se achavam no Barreiro e no Seixal foram postos em liberdade, por se encontrarem detidos ha 8 dias sem culpa formada.»

—Quanto vale não ser *thalassa* ou *traidor* !

Permaneceram presos, mezes e mezes seguidos, sem culpa formada, correligionarios nossos, accusados de conspiração monarchica.

O P.e Avelino de Figueiredo, esse, esteve 90 dias incommunicavel !

Tambem estivemos, nos calabouços do Governo Civil de Braga e nos do Aljube do Porto, em 1915,—treze dias sob incommunicabilidade, e, ao cabo d'elles, como nada apurassem contra nós, mandaram-nos em paz.

Não foi ao cabo d'oito dias—como a lei indica—que nos abriram as cadeias. E' que para os d'*elles*—ha lei e ha garantias. Para nós—ha a prepotencia, ha o despotismo, ha o abuso !

SENSATAS CONSIDERAÇÕES

O *democratissimo* «Portugal», prevendo ainda mui distante o fim da guerra, e affirmando terem já sido afundadas mais de *seis milhões de toneladas*, escreve :

«O territorio allemão, por emquanto augmentado pela conquista da Belgica e da Polonia russa, confina com o territorio austro-hungaro, tambem accrescido pela conquista da Servia e de grande parte da Romenia, e toda esta immensa extensão territorial se prolonga ainda com a Bulgaria e com a Turquia, estendendo-se a uma boa parte da Asia. Comprehende-se facilmente que podendo todos estes paizes communicar livremente entre si, por via terrestre, consigam crear um regimen economico de auxilio mutuo, que lhes permitta **passarem longo tempo sem necessidade de recorrerem á producção dos paizes inimigos ou mesmo neutros tantos, tanto mais que possuem abundante e variados recursos naturaes.**

Já os alliados não estão n'estas mesmas favoraveis condições. A França esa separada da Russia e da Italia; a Inglaterra está isolada de todos os seus alliados pelas aguas do mar; os Estados Unidos, a China e o Japão ainda estão mais distantes dos seus amigos da Europa. As suas communicações são exclusivamente maritimas e por isso mesmo muito mais difficeis e perigosas. E'-lhes, por conseguinte, menos facil organisar um systema economico de soccorro reciproco verdadeiramente efficaz e duradouro. E' por esta razão que cada um dos paizes alliados pensa muito a serio em modificar profundamente o seu modo de ser interno, de forma a poder viver dos seus proprios recursos.

E Portugal ?

Que se faz já, ou que se pensa fazer para se evitarem os horrores que o anno proximo reserva aos povos imprevidentes ou ineptos ? Que medidas se tomaram ou vão tomar visando a organisação do trabalho nacional e o augmento da producção agricola e industrial, de maneira a prevenir-se uma maior falta de transportes maritimos e uma maior necessidade de reduzir a um minimo muito baixo as importações ? O proprio pão, quem pode garantir que para o anno a nossa situação financeira o permittirá adquirir pelos preços fabulosos que, mercê da importancia dos fretes, elle ha-de attingir ?

Pense-se n'isto maduramente e não se sacrifique à vaidade, ao capricho, à teimosia, a resolução d'este complicadissimo problema—o economico—que não é tarefa para um homem só, nem para um unico partido: talvez não bastem para resolvel-o todos quantos estão dispostos a dar a sua collaboração.»

CARNET

Tem estado gravemente doente, com uma pneumonia, a menina D. Maria Arminda, gentil e sympathica filha do nosso estimado conterraneo, snr. major Duarte Amaral.

—Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras.

•

Para Melgaço, seguiu a uso de aguas, com sua exm.ª esposa, o nosso estimado conterraneo snr. commendador André Avelino Lopes Guimarães.

•

Acompanhada de sua gentilissima filha, encontra-se nas Caldas das Taypas, a passar uma temporada, a ex.ma snr.ª Dona Maria de Belem Sampaio do Amaral.

•

Esteve entre nós, no passado sabbado, o nosso querido amigo e illustre e dedicado correligionario, snr. João Amaral e Freitas.

•

Tambem esteve entre nós, e retirou, no passado sabbado, para o Porto, o nosso presado amigo e distincto collaborador, snr. Adriano Fernandes d'Azevedo (Adrifer).

VIDA LOCAL

Conego Vasconcellos

Passou no dia 1.º do corrente o anniversario natalicio do snr. conego Alberto da Silva Vasconcellos, distinctissimo professor do Lyceu, nosso illustre correligionario e querido amigo.

«O Commercio de Guimarães», que se orgulha de possuir Sua Ex.ª no numero dos seus mais devotados amigos, prestando homenagem ás qualidades nobilissimas que exornam a illustre individualidade do estimadissimo vimaranense, calorosamente felicita e cumprimenta o seu prestimoso amigo fazendo votos porque aquella data se repita *ad multos annos*.

Providencias, snr. Administrador !

Mal imaginavamos quando em o ultimo numero nos referimos á forma louvavel como o snr. administrador procedeu para afastar a fome do lar de tantos vimaranenses, que já hoje tivessemos de pedir a S.Ex.ª providencias energicas pela forma pouco sympathica como a distribuição do pão é feita.

S Ex.ª decerto e não ignora pois os protestos do povo, que tem fome, eram violentos, eram justissimos. Uma desgraçada mulher que desde os primeiros alvores da manhã, debaixo das ardencias do sol e a pé firme, esperava em vão lhe dessem o pão para matar a fome a 10 filhos, foi terminar o seu dia na esquadra policial....

Ella tratou mal os policias é certo, mas os seus queixumes eram justos...

Foram distribuidas milhares de senhas, para quê? No celeiro municipal ha uma porta por onde entra o povo e outra por onde deve sahir. Hontem, perto das 11 horas abriu-se a porta para entrar **trez ou quatro pessoas de cada vez...**

Ao meio dia, fechou-se. De tarde, não voltou a abrir-se!...

Mediram-se, mesmo de tarde, alguns carros de pão, mas não para o povo que desde as primeiras horas da manhã esperava á porta da entrada que lhe chegasse a vez de matar a fome aos filhos!...

Snr. Administrador :

Ha duas portas de entrada para o povo, ou ha duas cathegorias de necessitados?

E' justo e razoavel que uma verdadeira avalanche humana, se comprima n'uma ancia de adquirir com que matar a fome, e veja que a porta por onde *unica e exclusivamente* deve entrar o povo, se abre apenas das 10 1/2 ao meio dia, para não voltar a descerrar-se?

E no entanto o milho vendia-se....

Não eram justos os protestos do povo?

Se V.Ex.ª snr. Administrador, podesse presenciar as scenas de dor que alli se desenrolam....

Um grupo de mulheres chegou a ir procurar á esquadra V.Ex.ª para protestar pela forma como estava sendo feita a distribuição do milho.

Ignoramos se fallou com S.Ex.ª; o que sabemos é que os seus protestos não foram ouvidos!...

E' preciso que V.Exª. leve até ao fim o seu herculeo esforço, para que o povo não tenha fome.

A fome produz protestos e muitas vezes violencias, que a todo o transe devemos evitar.

Estimamos não voltar ao assumpto.

Juventude Catholica

Esta conceituada aggremisção realizou, no domingo ultimo, conforme noticiamos, mais um attrahente espectaculo.

Foi levado á scena a engraçada comedia em 1 acto «Não tem titulo» e o entre-acto dramatico «Regresso á Patria», diversos monologos, poesias e o lindo tercetto «Os Pedantes». Os sympathicos amadores da Juventude, empregaram todos os esforços para dar realce aos papeis que lhes foram confiados.

A plateia applaudiu, sem reservas, o hilariante monologo «Acho que assim está bem», representado pelo estimado amador João M. Barreira, e o tercetto «Os Pedantes», optimamente interpretado pelos distinctos amadores Arthur F. de Freitas, Guedes de Miranda e J. Barreira.

As amadoras *Mesdemoiselles* Izolina Ferreira e Herminia Ferreira, sahiram-se honrosamente dos papeis que lhe tocaram.

Os scenarios eram de vistoso effeito e o desempenho, em geral, esteve bom.

A excellente Tuna da Juventude, deliciou os espectadores com musicas lindissimas, habilmente tocadas.

O espectaculo teve começo ás 10 horas terminando á 1 da madrugada.

Litteratura

AMOR-GUERRA LOUCURA

(*)

(Dedicado ao distincto, talentoso e intemerato correligionario e Amigo P.e Julio Barroso).

Partida dolorosa; sonhos e devaneios doiro; carta fatal; loucura!...

Apenas o sol mórno e carinciante da Primavera se erguia, altaneiro e fulgente, por detraz das serranias que rendilhavam as bandas do nascente, espoucando e desfazendo as bramas matutinas, já a poetica cidade de Guimarães accordava n'um rumôr que lhe não era commum.

Na amplidão sideral, o astro-rei potente, qual candelabro incrustrado ao céo como perolas ao fundo do oceano, enchia o espaço, os montes e as campinas, de calor e de luz.

O vento sibilava fórte. Em cada uma das suas lufadas, pareciam ouvir-se torturantes gemidos, lamentações pungentes, piedosas preces...

Em redor, nos prados verdejantes, as ovelhinhas jemittiam balidos tristes, e nos bosques os passarinnos pareciam exprimir em seus trinados, uma commoção dolorosa e nostalgica !

Entre gritos suffocados de enthusiasmo e de angustia, caminhava em demanda á estação proxima, o 20 de infantaria, composto d'um baluarte intrepido de bravos portuguezes que, com o sangue ardente da raça de Affonso Henriques, iam lá longe, muito longe mesmo, cumprir o dever que a *Patria lhes impunha*...

Uma afflicção pesada, suffocante, esmagadora, estremecia e torturava todos os corações. Era chegado o momento dos ultimos beijos e dos ultimos abraços; o momento indescriptivel em que a mãe aperta de encontro ao seio, n'uma ancia de naufrago, o filho querido que avança para a morte; em que a noiva genuflexada e pallida como a lua, implora a Deus a vida do noivo amado, que parte altivo, com o coração dilacerado, para o abysmo medonho dos combates !...

Da machina possante, atrelada aos carros repletos de jovens, subia, tetricamente, n'um pronuncio de desgraça, densa nuvem de fumo negro que se espalhava no espaço, empanando o sol e turvando o horisonte.

Na portinhola d'um vagon, dois jovens fallavam baixinho.

Ella, toda de branco, meiga e candida como um lyrio, inclinava a linda cabecinha, e de seus olhos, adoravelmente negros, cahiam sentidamente em seu collo niveo e gentil, torrentes de lagrimas de afflicção e de amôr.

Com o coração rasgado pelo estylete inexoravel da separação, ella ouvia, compungida, a voz magoada do seu eleito que ia partir.

—Oh ! luz divina, inspiradora de meus sonhos ! Um dever sagrado, que bem o comprehendes, vae separar-nos talvez p'ra sempre.

Si um dia, porém, ficar prisioneiro, na nostalgia immensa e cruciante do exilio, sonharei comtigo; evocarei, venturoso, os nossos beijos tão puros, tão ardentes, trocados á luz prateada e acariciante da lua, entre as ramadas amigas e perfumadas do vergel.

Si morrer, na escuridão gélida do tumulo silente, o meu grande amôr viverá para sempre e a minh'alma procurará a tua no teu leito setinoso de virgem !

Subito, um silvo agudo e metalico, triste como o ultimo lamento do moribundo, interrompeu o dialogo e agitou, n'uma consternação profunda, a multidão que assistia, pezarosamente, á partida dos entes mais estremecidos.

Ambos se inclinaram com ternura e seus labios, insensivelmente, collaram-se nervosos, n'um beijo casto e longo de amôr ardente...

As rodas moveram-se pesadamente sobre os trilhos, o comboio movimentou-se, e o joven, com a alma estrangulada, murmurou, n'um ultimo alento arrancado d'alma :

—LUCILIA...

Ella, convulsivamente, respondeu n'um gemido pungente :

—ESMERALDINO...

Os lenços agitaram-se nervosos e todos os labios, levados pela mesma dôr, murmuravam entre soluços estrangulados, uma prece fervorosa.

Os olhos negros da joven banhados de cupioso pranto, ainda mais bellos porque luziam a distancia como pharóes, fitaram, n'uma immobilidade de esphinge, um ponto do comboio, até que este, qual serpente gigantesca, sumiu-se na curva da estrada...

•
• •

Passaram-se as primeiras semanas e as flôres dos jardins e dos prados, n'uma exhuberancia caprichosa de côres, sorriam meigamente ao lindo sol da primavera, que nascia, saturando o ambiente d'um perfume suave e delicado. E a natureza, embora palpitante, ostentando o esplendor divino de seus encantos, passava indifferente aos olhos nostalgicos e sonhadores da melancholica Lucilia, que somente tinha na retina a imagem adorada de seu noivo.

Chegara-lhe, emfim, a primeira carta, consolando-a, evocando os momentos felizes do passado, mas, um presentimento infinitamente doloroso, vencia o esforço de sua resignação.

Ás vezes, quando tocada pela varinha magica da Esperança, ella subia

S. Nicolau

Realisa-se na proxima quinta-feira, na Real Collegiada, uma brilhante festividade em honra de S. Nicolau, patrono dos estudantes de Guimarães.

Consta: de manhã, de missa cantada a grande instrumental com exposição do SS. e de tarde, pelas 6 horas, vesperas solemnes e sermão pelo nosso presado amigo e distincto orador sagrado, rev. Gaspar Roriz, depois do que se organisará uma procissão que percorrerá os claustros.

Para esta festividade, que é promovida pela Irmandade de S. Nicolau, está convidada a Academica Vimaranense.

ANNUNCIOS

DINHEIRO

Emprestam-se sobre hypotheca 400 escudos.

N'esta redacção se diz.

Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

No dia 16 do corrente ás 13 horas na Avenida Miguel Bombarda (antiga da Industria), se procederá ao sorteio de 25 obrigações, que serão reembolsadas a partir do dia 1 de Julho próximo.

Guimarães, 2 de Junho de 1917.

Pela Comp.ª de Fiação e Tecidos de Guimarães

Os Directores

Augusto José Domingues d'Araujo

Manoel Martins Barbosa d'Oliveira

Guilherme R. Lickfold.

ARREMATAÇÃO

2.º Concurso

A Misericordia de Guimarães

Faz publico que até ás 11 horas do dia 28 do corrente se recebem, na sua Secretaria, propostas em carta fechada, sendo abertas em sessão de Mesa, na Casa do Despacho anexa ao hospital, no designado dia e hora para o fornecimento por 6 meses, a contar do 1.º de Julho do corrente ano de: anho, arroz, assucar, azeite, bacalhau, batatas, café, carne de boi e de vitela, carvão, cêra, cevada torrada, galinhas, leite, massas, ovos, pão de milho e de trigo, peixe, sabão, sal, vinho fino e maduro.

A Misericordia reserva o direito, se assim o julgar conveniente de nos referidos local dia e hora, proceder á licitação verbal entre os concorrentes, servindo de base o preço minimo oferecido, e bem assim de não fazer a respectiva adjudificação, quando os preços e a qualidade dos generos lhe não convenham.

As condições estão patentes, n'esta Secretaria em todos os dias uteis, desde as 9 ás 15 horas.

Guimarães e Secretaria da Misericordia, 2 de Junho de 1917.

O Provedor

Manuel Joaquim da Cunha

REMEDIO FRANCES

REMEDIO FRANCÊS

Editos de 40 dias

(2 publicação)

Pelo juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de quarenta dias, citando o coherdeiro Joaquim José Gomes, casado com Maria d'Armil, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para falar e assistir a todos os termos até final de inventario orfanologico a que se procede por fallecimento de sua mãe Josépha Gonçalves, viuva e moradora que foi no logar de Sequito, da freguezia de Brito, da dita comarca, no qual é inventariante Ana Gonçalves, casada do logar de Outeiro, da mesma freguezia, e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 15 de março de 1917

Verifiquei.

Santos

O escrivão do 1.º oficio

Armando da Costa Nogueira

Editos de 40 dias

(1.ª publicação)

No juizo de direito da comarca de Guimarães, cartorio do escrivão do 3.º officio e no inventario orfanologico por obito de Ana Maria Alves, viuva, moradora que foi no logar das Lameiras, freguezia de São Tomé de Abação, d'esta comarca, e em que é cabeça de casal seu filho Francisco do Val, casado, do mesmo logar, correm editos de 40 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando o interessado, filho da inventariada, José Antonio do Val, solteiro, maior, serrador de madeira, residente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos do mesmo inventario, até final, sob pena de revelia, sem prejuizo do seu andamento.

Guimarães, 22 de Março de 1917.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Santos

O escrivão do 3.º officio

Luiz Candido Lopes

Misericordia de Guimarães

Assembléa Geral

2.º CONVOCAÇÃO

Não se tendo realisado hoje a Assemblea Geral d'esta Misericordia por não ter comparecido a maioria dos irmãos, são os mesmos de novo convidados a reunir na Casa do Despacho da Santa Casa anexa ao seu hospital, no logar dos Capuchos na rua 31 de Janeiro, d'esta cidade, no dia 10 do corrente, pelas 11 horas, para procederem á eleição da Mesa e Definitorio que teem de servir durante 3 anos, desde 1 de Julho de 1917 até 30 de Junho de 1920, como determina o art.º 48.º da lei N.º 621 de 23 de Junho de 1916 e para o efeito do disposto na primeira parte do § 1.º do art.º 18.º do Compromisso d'esta Corporação.

Guimarães e Secretaria da Misericordia, 3 de Junho de 1917.

O Provedor

Manuel Joaquim da Cunha

VENDE-SE

Uma morada de casas, na rua do Gravador Molarinho n.º 35 e 37

Falar com o solicitador Pimenta.

Procurador Pimenta

Mudou para a rua 31 de Janeiro n.º 31

DINHEIRO

Empresta-se sobre hypotheca — rua Egas Moniz, 27.

---

aos paramos dos sonhos mais bellos de moça, sorvia o nectar paradisiaco da ventura, adormecia ao calor sublime de beijos de amôr e transportava-se ao extremo da felicidade humana!...

Mas, tudo fugia depressa; era um sonho delicioso e interrompido, um raio de luz que pairava momentaneamente no negrume de sua dôr; a sua alma vertia logo o luto do infortunio e as lagrimas banhavam-lhe as faces que as noites de insomnia tornaram lividas e tristes...

Foram-se os mezes; uma pallidez de marmore dava-lhe uma expressão mais terna e commovente; era como uma d'essas virgens descriptas pelo grande Camillo, no «Amôr de Perdição», do tempo medievo, que enlanguescia na ausencia do ente amado, sempre pallida e bella...

Havia noites, quando a lua ia muito clara, que ella, abandonando o leito, tomava do violino e, occultando-se entre as flôres viçosas e trescalantes do jardim, banhadas de luz, accordava o silencio brando que errava no espaço com uma d'essas musicas que extasiam, que transportam...

DEPOIS... os soluços de seu coração confundiam-se com os gemidos do instrumento e ambos, n'um só pranto, n'uma só magua, n'uma só Esperança, murmuravam Amôr!...

Esmeraldino, moço e forte, dotado com uma alma spartana e de uma resignação stoica e sublime, quando repousava das marchas enfadonhas e enervantes ou da lucta mortifera e horrivel das trincheiras modernas, mal cerrava as palpebras, surgia-lhe, como por encanto, a imagem amorosa e pensativa de sua dôce amada, em sonho, em extase, fascinadoramente linda...

A Esperança, a sua vontade ferrea, o seu optimismo e o seu Amôr, davam-lhe a certeza da realisação do seu ideal de moço.

Embora a sua vida cambaleasse nas bordas de um abysmo presente a todos os instantes, nunca as suas aspirações vacillaram um só momento, nunca uma sombra de incerteza annuviava o seu coração ardoroso e grande.

Sómente a saudade lhe apunhalava a alma.

* * *

No fim de uma tarde em que o sol, n'uma agonia serena e resplendente de guerreiro vencido, desapparecia por detraz das montanhas longinquas do occidente, envolvido n'um rutilante manto purpurino e doirado, Lucilia deleitáva o olhar n'um pedaço de céo maravilhoso, illuminado pelo deslumbrante iriado de infinitas côres.

Debaixo das poeticas janellas de sua adoravel vivenda, cresciam malvas, malmequeres, lyrios, girasoes, orchidéas, crysanthemos, artemisias, pervincas e outras florsinhas como os myosotis que lembram mariposas, e as quaes a inebriavam de perfumes....

Mergulhada n'essa nostalgia immensa do morrer do dia, soffria muito n'aquelle instante. Escrava do seu sentimentalismo, sorvia dolorosamente, a pequenos tragos, o veneno da sua grande dôr.

O seu amôr era forte de mais, para que pudesse resistir á separação, talvez eterna do seu Esmeraldino.

Era o seu amôr, amôr dos verdes annos, em que a mulher tem a alma do anjo e a delicadeza do lyrio... Edade do sonho em que, tudo é poetico e falla á alma, como o orvalho á flôr!...

Pela vastidão das campinas, na sua frente, cada lufada de vento fazia ondular um oceano de flôres...

Subito, alguem que se approximava, arrancou-a de sua meditação profunda.

Um moço de tez ruborisada do sol, abatido pelos soffrimentos dos combates, com uma das mãos inutilizada por um estilhaço de granada, disse-lhe n'uma voz que disfarçava um sentimento intimo:

Uma carta de Esmeraldino.

Lucilia olhou com profunda anciedade o mensageiro da missiva, e este afastou-se rapido como se lhe faltasse animo para assistir ao pranto de um coração despedaçado que vê fugir para sempre as ultimas esperanças.

Abriu, tremula, a carta,... uma pallidez de marmore cadaverisou-lhe o rosto; os olhos negros dilataram-se-lhe n'uma belleza tragica; um tremor de morte convulsionou o seu corpo artistico e, com voz estrangulada pela emoção, como se a vida lhe fugisse, leu:

«*Sinto já apagar-se a lanterna tenue da vida, mas o meu amôr é tão grande que vejo a morte n'uma insignificancia de atomo.*

Uma bala rasgou-me o peito e o farrapo da vida que me resta ainda, me dá razão para pensar em ti, oh! minha amada Lucilia. Na nebulosidade mysteriosa do ignoto o meu amor viverá eternamente. Desfalleço. Beijo-te—Esmeraldino.»

Ao terminar a ultima palavra, Lucilia deu um grito, as faces congestionaram-se-lhe e os seios tremeram-lhe n'uma agitação brusca!...

Um brilho tragico e repentino roubou a ternura nostalgica de seus olhos meigos e sonhadores, e estes vagueavam allucinados na grandeza infinita do espaço, como que procurando uma imagem conhecida, e seus labios nervosos deixaram escapar uma gargalhada estridente e tetrica que rolou, terrivel, no silencio asphixiante do crepusculo...

Enlouquecêra!...

JOAQUIM J.ª DE AZEVEDO MACHADO

PAPELARIA E TABACARIA MACHADO

RUA DA RAINHA, 53 E 55

GUIMARAES

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE

ANNA GIOVET

ROMANCE HISTORICO

Pelo

DR. J. A. NOGUEIRA DE BARROS

Leitura recreativa e moralisadora.—PREÇO 100 REIS

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus Ex.mos amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão,98 (junto ao edificio dos Voluntarios), construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores apparelhos, o que lhe permitte executar:

Esmaltes photographicos para medalhas perfeitos e eternos

RETRATOS EM PORCELANA

Retratos réclame desde 600 reis a duzia

ampliações inalteraveis desde 2:000 reis

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem pode egualar, não hesite em procurar sempre esta casa.

OPERA-SE COM TODO O TEMPO

NOTA: De harmonia com a lei do descanço semanal, esta photographia acha-se encerrada nas segundas-feiras.

Interesse publico

Tabella do sello

RECIBOS E SEUS DUPLICADOS

De	1$00	a	1$00	$01
»	1$01	»	5$00	$02
»	5$01	»	100$00	$03
»	100$01	»	250$00	$05

Cada 250$00 a mais ou fracção d'esta quantia. $05

Portes do correio:

Cartas—Até 20 gr. ou fracção, 02,5.

Bilhetes postaes—$01; com resposta paga, $02.

Jornaes—50 gr. ou fracção, 1/4 cent.

Impressos—50 gr. ou fracção, $00,5.

Manuscriptos—Até 250 gr., $02,5; cada 50 gr. a mais $00,5.

Amostras—Cada 50 gr. ou fracção, $00,5.

Limite de peso 250 gr.; limite de voume, 50 centim. em quaquer das faces.

R. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

Sahidas quinzenaes de paquetes correios de LISBOA para os PORTOS DO BRAZIL e RIO DA PRATA

Preço das passagens em 3.ª classe de LISBOA para o BRAZIL e RIO DA PRATA:

Pelos paquetes da serie "A" com escala por **S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu** e **Buenos-Ayres. Esc.** 58.50

Pelos paquetes da serie "D" directos ao **Rio de Janeiro, Santos, Montevideu** e **Buenos Ayres. Esc.** 53.50

Todos os Vapores d'esta Companhia costumam atracar ao Caes no Rio de Janeiro.

A BORDO DESTES PAQUETES HA CREADOS PORTUGUEZES

Na agencia do Porto podem os snrs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, **mas para isso recommendamos toda a antecipação.**

Dirigir aos unicos Agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.ª

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE=PORTO.

Ou aos seus correspondentes nas provincias.

Unico correspondente em Guimarães

Luiz José Gonçalves Bastos.

O Commercio de Guimarães

ANNUNCIOS

Annuncios e communicados, por linha.	*60*
Nepetição dos mesmos	*20*
Rocorpo do jornal, cada linha.	*100*

As obras litterarias annunciam-se gratis recebendo-se não redacção um exemplar. Os autographos, sejam ou não publicados ou se restituem.

ASSIGNATURAS

Anno, sem estampilha	*2$000*
Semestre, Idem	*1$000*
Anno, com estampilha.	*2$300*
Semestre, Idem.	*1$150*
Brazil (m. f.) anno	*4$000*

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Contribuição industrial

Lei de 31 de Março de 1896 e Reguamento de 16 de Julho de 1896 e mais dipomas referentes a esta contribuição seguido das tabeas das industrias e profissões e das taxas que hes correspondem egisação actuamente em vigor.

Pedidos á Typographia Gonçaves) 12, Rua do Mundo, 14—Lisboa.

O Commercio de Guimarães

Ex.mo Sr. _____